



Resenha: Livro *A Reprodução de Vidas em Sítios Arqueológicos na Amazônia*. Autor: Carlos Augusto da Silva, Publicação – EDUA/UFAM, FOMENTO – FAPEAM. Manaus, 2014.

Luciano de Souza Silva¹
Elen Caroline de Carvalho Barros²

O Livro *A Reprodução de Vidas em Sítios Arqueológicos na Amazônia* de autoria de Carlos Augusto da Silva, publicação – EDUA/UFAM, Manaus, 2014, apresenta um conteúdo abrangente que aborda arqueologia, história, meio ambiente e o diálogo entre a Academia e o mundo rural de populações que vivem em sítios arqueológicos da Amazônia brasileira.

De autoria de um experiente servidor de carreira da Universidade Federal do Amazonas, Carlos Augusto da Silva, que possui graduação em Ciências Sociais - Licenciatura/Bacharelado (1997), mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (2010) e doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia (2016), todos pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O autor expõe nesse livro os conhecimentos que adquiriu em mais de 20 anos de experiência na área de Arqueologia, atuando principalmente no âmbito da educação patrimonial e arqueologia amazônica.

Há quase cinco décadas vem trabalhando com os povos que habitam o entorno dos igarapés, lagos e rios no Amazonas, contribuindo diretamente para o processo de formação de profissionais que atuam na área de arqueologia.

O autor pesquisou na área do Lago do Mamirauá, na localidade conhecida por Cururu, que faz ligação entre a comunidade do Cai N'água com o Rio Maquiri – AM. Realizou entrevistas e diagnósticos de sítios arqueológicos da região, identificando diversos materiais em superfície, como: cerâmica, lítico, Terra Preta de Índio (TPI) e materiais carbonizados.

¹ Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (2008). Mestrado em Arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (2012). Tem vínculo colaborativo na Divisão de Arqueologia do Museu Amazônico/MA/UFAM. Tem vínculo profissional no Museu Câmara Cascudo/MCC/UFRN. Ex-Diretor e Coordenador da Divisão e Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico (2012-2016). E-mail: lucianoarque@yahoo.com.br, <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230553D6>.

² Bacharela em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (2010). Arqueóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2010-atual). Mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural (PEP/MP) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2013-atual).



Nos relatos das entrevistas com os moradores locais obteve informações sobre a relação de seus antepassados com o regime hídrico da região (cheias e vazantes de rios como o Solimões), bem como tomou conhecimento sobre os intercâmbios feitos entre populações de agricultores envolvendo produtos agrícolas e sementes, o que lhe subsidiou para lançar a hipótese de que tais trocas já eram realizadas desde o período pré-colombiano.

O autor demonstra, por meio de seus argumentos e observações, que as populações atuais da Amazônia se deparam em seus assentamentos com diferentes vestígios de ocupações dos povos que habitaram e manejaram as áreas de várzea e terra firme, tendo contribuído para o potencial fértil dessas áreas hodiernamente. Isso demonstra um manejo complexo dessas áreas onde essas populações exerciam o domínio de técnicas que, ao contrário do que se vê nas áreas de monoculturas atuais, não esgotaram o solo e, sim, lhe garantiram um alto potencial de fertilidade que é visto nas chamadas terras pretas (TPI).

Essas interações demonstraram, também, que o manejo e uso do espaço seguem um calendário ecológico sendo orientados pelas cheias e vazantes dos rios, evidenciando áreas de sítios arqueológicos junto ao manejo do uso da terra, que precisam ser conhecidos e preservados.

A obra em análise demonstra a sensibilidade com que o autor trata percepção ambiental, dinamismo de ocupação, dificuldades da pesquisa, métodos utilizados, resultando em discussões sobre o espaço em áreas de sítios arqueológicos no contexto da biodiversidade, sociodiversidade e domínio cultural do ecossistema da Amazônia.

Concluiu-se a relevância e o diferencial dessa publicação de Silva em relação às pesquisas já realizadas no estado ao relacionar os saberes locais da população de Manaquiri com o registro arqueológico, trazendo informações e conhecimento da comunidade Cai N'água que interage com a terra firme e a várzea amazônica.